



Muito apegada a Sílvia Ribeiro, Beatriz, 6 anos, começa a aprender aritmética

Pais criam uma escola especial

Bom resultado faz da Trilha modelo imitado

Nilza Bellini

SÃO PAULO — O trabalho é árduo e seu custo altíssimo. Mas os profissionais especializados no campo da educação especial que conduzem a Trilha — Unidade de Integração do Desenvolvimento, escola paulista pioneira no atendimento de crianças com distúrbios de desenvolvimento considerados leves, mantêm o estímulo. Afinal, a instituição, que até poucos meses atrás não tinha similar no país, começa a gerar os primeiros frutos. Hoje, já existem duas escolas baseadas no exemplo da Trilha — uma em Campo Grande e outra em Sorocaba, a 100 quilômetros de São Paulo — e as crianças vêm sendo alfabetizadas de forma lenta, mas segura, e os resultados obtidos na área de comportamento sócio-afetivo são altamente positivos.

A Trilha surgiu depois que um grupo de pais, conscientes de que seus filhos exigiam cuidados muito especiais, cotizou-se e investiu na estruturação do projeto, elaborado pela psicopedagoga Celma Cenamo, professora de psicomotricidade no curso de

pós-graduação da Faculdade de Psicologia São Marcos, em São Paulo e fundadora da Care (Carminha Associação para Reabilitação de Excepcionais), entidade há 25 anos dedicada a tratar de crianças com graves distúrbios de desenvolvimento.

“Até aí, não tínhamos alternativa”, recorda o ortopedista Oswaldo Zanello Júnior, pai de Bianca, de 9 anos, uma bonita criança de olhos claros e pele alva, aluna da escola desde sua criação, em 1986. Antes da Trilha, Zanello não conseguiu encontrar, entre as inúmeras instituições que visitou, uma que considerasse ideal para a educação formal da menina. Foi só depois de uma longa peregrinação por instituições para crianças especiais do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo que Zanello conheceu Celma. A psicopedagoga propôs a criação da Trilha, com a formação de uma equipe especializada nos recursos da análise experimental do comportamento e das teorias cognitivas mais modernas.

A proposta seduziu Zanello. Finalmente nascera no Brasil uma escola baseada num respeito profundo à individualidade de cada criança e totalmente sem preconceitos e discriminações e onde suas dificuldades seriam compreendidas. Ele reuniu-se, então, com pais de outras crianças que apre-

sentavam problemas semelhantes e nasceu a escola. Atualmente, a Trilha funciona numa casa clara e arejada, com um grande quintal, no Brooklin, bairro de classe média na Zona Sul de São Paulo.

Bianca está alfabetizada e emociona Zanello, que só notou na filha distúrbios de desenvolvimento quando ela completou 18 meses. A criança nasceu num dos melhores hospitais londrinos, o St. Mary's, depois de um pré-natal completo. “Foi um parto difícil, mas nada indicava que ela viesse, posteriormente, a apresentar dificuldades de aprendizado”, lembra Zanello.

A menina gostava de brincar, chorava, ria, mas com um ano e meio ainda não aprendera os gracejos comuns da idade e sequer balbuciava as primeiras palavras. Por causa disso, seus pais iniciaram uma maratona por consultórios médicos das mais variadas especialidades, tentando, sem sucesso, descobrir o que havia com a filha.

“Há uma diversidade enorme de distúrbios de aprendizado, nem sempre diagnosticados pela medicina”, explica Celma Cenamo, ao assegurar que em quase todas as escolas paulistas existe pelo menos um ou mais casos de alunos com dificuldades leves de desenvolvimento.